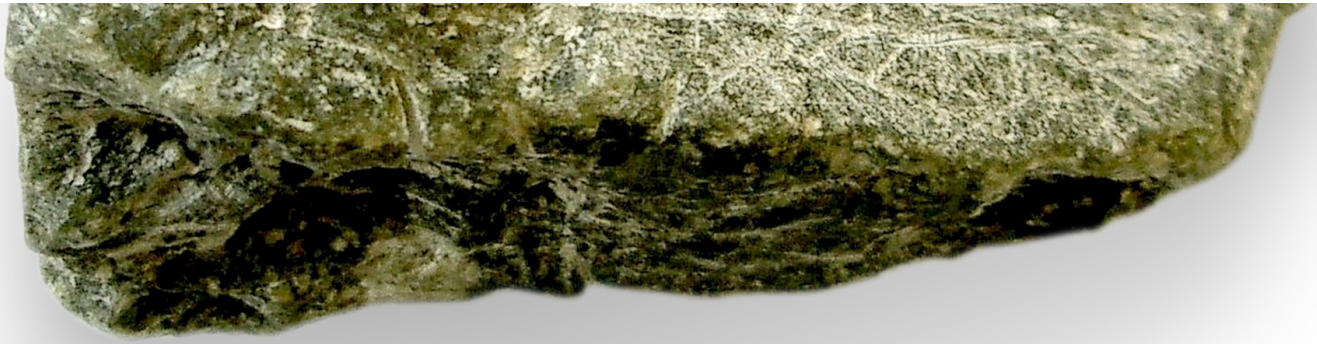
PEDRAS
documentos

P1

PEDAGOGIA

QUE DESENVOLVER?

UMA PERSPECTIVA SOBRE AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL



QUE DESENVOLVER?

UMA PERSPECTIVA SOBRE AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Há, de facto, aspectos geniais na génese e na essência do Escutismo.

E um desses aspectos é o facto de o Escutismo ter nascido do jovem, com o jovem e para o jovem. E fê-lo na medida em que foi da observação da realidade dos jovens de então que B-P desenvolveu a intuição que o conduziria a Brownsea; foi aos jovens – com os quais não falava a partir de um estrado – que BP se dirigiu, naqueles seis fascículos quinzenais intitulados *Scouting for Boys*, e interpelou a desenvolverem-se a eles próprios em prol da sua felicidade e do bem da comunidade; foi para dar resposta às necessidades dos jovens que BP mergulhou na maior aventura da sua vida: o Escutismo.

O Escutismo, enquanto método educativo, não nasceu de uma teoria. Nasceu da observação, da intuição, da experimentação. Algo que não podemos perder de vista, sob pena de pervertermos o Escutismo que pensamos, pior – o Escutismo que fazemos!

Com o passar dos tempos, e não foram precisos muitos, o crescimento verdadeiramente epidémico do Escutismo levou à necessidade de estruturar de forma teórica a ideia – ideia enquanto intuição e não teoria – do Escutismo. Estruturação que não foi um fim em si mesmo, mas um passo instrumental para a conformação e salvaguarda da identidade do método e para a adequada, e sempre necessária, formação dos adultos chamados a auxiliar os jovens na sua caminhada escutista.

O Escutismo que sempre foi – e é! – jogo, surge-nos então como método educativo. Método muito particular e ímpar, em que o jogo é o instrumento pedagógico ao serviço de uma missão: a educação, mais precisamente a auto-educação, do jovem.

A Missão do Escutismo, resultante da Conferência Mundial da OMMS de 1999, realizada em Durban, exprime bem, e numa linguagem verdadeiramente actual, após anos e anos de trabalhos, reflexões e amadurecimento, o genuíno – na dupla acepção de original e autêntico – propósito do Escutismo.

A missão do Escutismo consiste em contribuir para a educação dos jovens, partindo de um sistema de valores enunciados na Lei e na Promessa escutistas, ajudando a construir um mundo melhor, em que as pessoas se sintam plenamente realizadas como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade.

OMMS, Conferência Mundial Durban, 1999

Desde a sua génese, e isso é bem patente na diversidade temática das Palestras de Bivaque do *Escutismo para Rapazes* que traduz o carácter holístico da proposta feita aos jovens, que o Escutismo visa contribuir para uma educação integral do jovem. Parafraseado Paulo VI [*Populorum Progressio*, 42]: o Escutismo visa *o desenvolvimento integral do jovem todo e de todos os jovens*.

Até aqui tudo parece consensual. Aqui, têm surgido, recentemente, entre nós, diversas posições. Não quanto ao carácter integral, não quanto ao que integra o integral, mas quanto à *cartografia* do integral.

Uso aqui o termo *cartografia* propositadamente, pois nós – Es-

cuteiros – estamos bem habituados a lidar com mapas…

Que o mundo é um esferóide – redondo, numa linguagem mais quotidiana – todos hoje concordamos. O problema é cartografá-lo. Passar a uma folha – plana! – de papel a superfície de um esferóide, sem distorções, é impossível. Tente-se aplanar a casca de uma maçã ou de uma laranja…

Portanto, coexistem hoje diversas projecções cartográficas, cada qual com o seu sentido, cada qual com a sua utilidade prática

Mas, voltemos ao Escutismo. As divergências não surgem quanto à concepção de desenvolvimento e seu carácter integral, quanto à ideia ou essência do Escutismo. Surgem porque, no acto de estruturação teórica mostrou-se facilitadora – trata-se do subconsciente cartesiano do pensamento ocidental que sempre nos conduz à segmentação das realidades complexas, com vista a uma abordagem e apreensão isolada de cada uma *per se*, no sentido de se vir a compreender o todo pela reunião das resultantes das análises isoladas – a subdivisão da realidade una e única do ser humano em diferentes aspectos do seu ser.

Numa linguagem mais simples: se quisermos mostrar a Terra no seu todo, podemos tirar-lhe diversas fotografias e reuni-las. Cada qual mostrará uma face da Terra; a totalidade mostrará a totalidade da Terra; algumas terão áreas sobrepostas, confundindo-se…

Neste esforço de estruturação teórica do método escutista, BP publicou, pela primeira vez em 1919, um livro intitulado *Auxiliar do Chefe Escuta*, no qual reunia as suas notas, que utilizara anos antes na formação de chefes de grupo, sobre a educação dos jovens através do Escutismo. Aí apresentou o Escutismo

como visando o desenvolvimento integral do jovem segundo quatro perspectivas, a que chamou as *quatro áreas da formação escutista*.

Para realizar a finalidade de preparar para o civismo activo, recorremos aos seguintes quatro factores a seguir mencionados, que são essenciais às formação de bons cidadãos, e inculcamo-los a partir de dentro e não de fora. São eles: 1. Carácter [...]. 2. Saúde e Vigor [...]. 3. Habilidade Manual [...]. 4. Serviço ao Próximo [...].

Robert Baden-Powell, Auxiliar do Chefe Escuta, (1944) 1999, p34-35

Quadro analítico do programa escutista para a formação de bons cidadãos

1. CARÁCTER

Qualidades visadas:	Pela prática de:
Lealdade cívica	Actividades de Patrulha;
Respeito pelos direitos dos outros	Jogos de equipa;
Disciplina	Conselho de Honra;
Liderança	Conselho de Guias;
Responsabilidade	Conselho de Guias e Patrulha;
Moral	Lei e Promessa do Escuteiro;
Honra	Serviço e actividades escutistas;
Cavalheirismo	Apreço pela Natureza;
Confiança em si e coragem	História Natural e Estudo;
Capacidade de apreciação	Astronomia;
Elevação de pensamento	Bondade para com os animais;
Religião e Piedade	Serviço aos outros.
Sentimento da própria dignidade e Lealdade	(Ver adiante)

2. SAÚDE E VIGOR

Qualidades visadas:	Pela prática de:
Saúde	Responsabilidade pela saúde pessoal; Higiene; Temperança; Continência;
Vigor	Campismo. Desenvolvimento físico; Desportos; Jogos; Natação; Caminhadas; Excursões pedestres; Escaladas e outras actividades semelhantes.

3. HABILIDADE MANUAL

Qualidades visadas:	Pela prática de:
Habilidade técnica	Técnica escutista;
Espírito inventivo	Improvisações campistas e Pioneirismo;
Engenho Intelectual	Recompensas por meio de distintivos variados de trabalhos manuais;
Observação	Passatempos, colecções...
Dedução	Conhecimento da vida da Natureza;
Auto-expressão	Seguimento de pistas.

4. SERVIÇO AO PRÓXIMO

Qualidades visadas:	Pela prática de:
Altruismo	Lei e Promessa do Escuteiro;
Abnegação	Boas Acções;
Deveres cívicos	Primeiros socorros e salvamento de vidas;
Patriotismo	Bombeiros;
Serviços ao país	Socorristas;
Serviço humanitário	Serviços hospitalares;
Serviço de Deus	Outros serviços da comunidade.

Robert Baden-Powell, Auxiliar do Chefe Escuta, p36

Anos mais tarde, em 1975, no seio dos *Scouts de France*, hoje *Scouts et Guides de France*, surge uma publicação intitulada *Baden-Powell Hoje*, a qual culmina um vasto processo de reflexão pedagógica iniciado cerca de dez anos antes, e que vem realçar Baden-Powell como um percursor da *Educação Nova*, movimento pedagógico que se iniciou nos finais do Século XIX e atravessou o Século XX.

Neste livro, as finalidades educativas do Escutismo são apresentadas como visando o desenvolvimento integral do jovem em cinco – e já não apenas quatro – áreas: o Carácter; a Actividade Manual ou Habilidade Manual; a Saúde e o Desenvolvimento Físico; o Serviço aos Outros; e a Felicidade.

Quanto aos quatro primeiros, nada difere da formulação original de BP. Surge agora a Felicidade *ou ainda o sentido de Deus* [*Baden-Powell Hoje*, p26]. Celeuma logo se levantou, e ainda hoje se ouvem referências, acerca do que seria um desvirtuamento do pensamento original de Baden-Powell.

Em 1926, numa alocução à Conferência dos Comissários do Escutismo e do Guidismo, BP refere...

Pediram-me que descrevesse mais pormenorizadamente o que tinha em mente a respeito da religião quando instituí o Escutismo e o Guidismo. Perguntaram-me: «Onde é que entra a religião?»
Pois bem, eis a minha resposta: «Não entra em parte nenhuma. Já lá está. É o factor fundamental subjacente ao Escutismo e ao Guidismo.

Robert Baden-Powell in O Rasto do Fundador, p155

Ora, esta afirmação tinha dois sentidos, um em termos de essência, outro em termos de circunstância.

Em termos de essência, quer porque *não há qualquer lado religioso do Movimento. Ele é todo baseado na religião, isto é, na compreensão e no serviço de Deus* [in *O Rasto do Fundador*, p155], quer porque no Escutismo *a religião «pega-se», «não se ensina»* [in *O Rasto do Fundador*, p154]. Ou seja, não existe na essência do método escutista algo que torne imprescindível a autonomização da quinta área de desenvolvimento pessoal,

o que tem sido ilustrado à saciedade com um famoso desenho de uma mão, em que o polegar é o sentido de Deus e os demais dedos as quatro áreas de desenvolvimento pessoal originalmente descritas – o sentido de Deus [polegar] manifesta-se e desenvolve-se na articulação com as outras áreas [demais dedos] e estas vêem as suas potencialidades elevadas à plenitude porque enquadradas na interacção com o sentido de Deus.

Em termos de circunstância, porque o Escutismo surge e dá os primeiros passos num ambiente social e cultural onde o sentido do religioso era um sentido comum [entenda-se corrente, abundante…]. Estava presente na família, na escola, na comunicação social e na cultura; em suma, na sociedade. E, portanto, estava-o também no Escutismo, de forma natural, e este não mais precisava do que agir numa continuidade daquela que era uma característica da sociedade e da cultura.

Ora esse deixou de ser o panorama na Europa dos anos 60 e 70, onde tendências laicizantes sem paralelo na história se começaram a instalar na sociedade e na cultura, na vida.

Uma das maiores mudanças que atingiu o nosso tempo foi a mutação cultural. Vários factores a provocaram ou potenciaram: aumentaram os intervenientes nessa mutação, com relevo para os meios de comunicação; o materialismo prático a que a sociedade de consumo pode conduzir, com alterações dos valores de referência; a preocupação com o imediato, foi minando a abertura do espírito a valores perenes; o laicismo reinante foi relegando a dimensão religiosa para a esfera do privado, retirando-lhe lugar na vida social. Temos de o reconhecer: uma cultura com estas características é espontaneamente ateizante. As pessoas não negam Deus, mas vivem como se Deus não existisse. A ignorância acerca de assuntos religiosos é flagrante e

generalizada, mesmo naqueles que ainda celebram actos litúrgicos.

D. José Policarpo, in Catequese num Mundo em Mudança

Ou seja, alterou-se profundamente – diria mesmo, radicalmente, porque é mesmo das raízes que estamos a falar – a circunstância do Escutismo.

A presença do Sentido de Deus deixara de ser *natural* na cultura e na vida das pessoas; sendo o Escutismo feito por homens do seu tempo, inseridos em comunidades quotidianas, o perigo dessa mutação cultural entrar pelo Escutismo adentro, como que por osmose, era imenso. Era e é…

A circunstância em que o Escutismo se inseria passou então a ameaçar afectar a essência do Escutismo, designadamente no seu cariz espiritual.

Daí a necessidade premente e incontornável de então, e muito oportunamente, se ter realçado o Sentido de Deus como aspecto essencial do método escutista.

O mesmo ocorreu, anos mais tarde, com a Afectividade.

Durante os anos 90, a Região Inter-Americana produziu um documento intitulado *MACPRO*, no qual se desenvolvia a abordagem aconselhada às associações nacionais para actualizar e aperfeiçoar o respectivo programa educativo. Documento que veio a ser posteriormente adaptado e adoptado a nível mundial, tomando o nome de *Renewed Approach to Programme*, ou seja, o famigerado *RAP* que, numa tradução livre, se poderia chamar *Uma Nova Visão do Programa*.

Aqui, pela primeira vez, entra, na abordagem teórica sobre o Escutismo, o elemento Afectividade enquanto elemento estruturante do ser humano e área de desenvolvimento pessoal.

Dado o impacto que a dimensão afectiva da personalidade humana tem na nossa vida interior, uma […] área, o «desenvolvimento afectivo», visa ajudar os jovens a alcançar e manter um estado interior de liberdade, equilíbrio e maturidade emocional, incorporando, de forma natural, os seus sentimentos no seu comportamento.

WOSM – Inter-American Region, Educational Objectives of the Scout Movement, p6

WOSM, Tool Box – Programme Handouts, TB002, p2/4

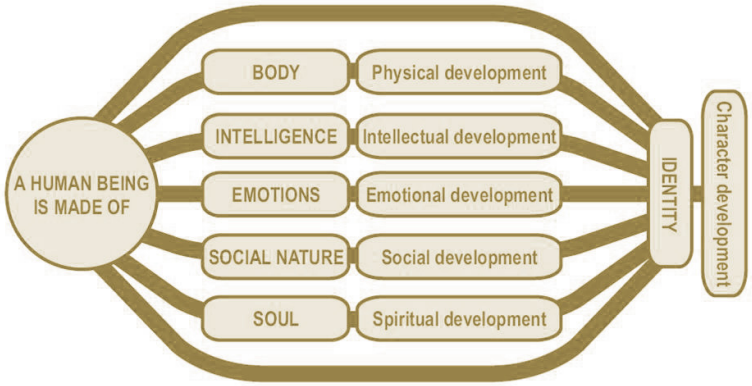
Das quatro, e depois cinco, áreas de desenvolvimento pessoal, passava-se então para seis:

- Desenvolvimento Físico;
- Desenvolvimento Intelectual;
- Desenvolvimento Afectivo;
- Desenvolvimento Social;
- Desenvolvimento Espiritual;
- e, Desenvolvimento do Carácter.

Sendo as seis áreas frequentemente apresentadas em «pé de igualdade», note-se porém que esta não é a perspectiva constante do *RAP*. Ali, o Desenvolvimento do Carácter surge com um estatuto claramente diferenciado, com um papel envolvente, como elemento sintético, isto é, resultante de uma síntese, da síntese das demais áreas.

O *RAP* reconhece cinco áreas de desenvolvimento pessoal, mais uma (Desenvolvimento do Carácter):
Desenvolvimento Físico;
Desenvolvimento Intelectual;
Desenvolvimento Afectivo ou Emocional;
Desenvolvimento Social;
Desenvolvimento Espiritual.
O Desenvolvimento do Carácter deve ser adicionado a um nível diferenciado, pois o Carácter é a dimensão da identidade e vontade pessoal que unifica todas as outras áreas num processo de desenvolvimento pessoal. Sem a dimensão do Carácter, a pessoa não pode ser protagonista do seu próprio desenvolvimento.

WOSM, Tool Box – Programme Handouts, TB002, p1/4



WOSM, Tool Box – Programme Handouts, TB002, p1/4

Visto assim, o Escutismo visa contribuir para o desenvolvimento integral, e harmonioso, do jovem, um desenvolvimento em que o Carácter é percepcionado enquanto elemento sintético e integrador e as demais áreas como perspectivas parcelares, analisadas *per se* apenas por uma questão de simplificação metodológica. Se imaginarmos o ser humano como um arco de pedra, o carácter é a pedra de fecho: as demais pedras – as dimensões física, intelectual, afectiva, social e espiritual – suportam-na, ela impede-as de se desmoronarem, conferindo-lhes coerência e consistência.

Questão primeira que se coloca é a do surgimento aqui da Afectividade enquanto área de desenvolvimento pessoal. Que razões existem para tal?

Mudou o Jovem? Em boa verdade, o Jovem, na sua essencialidade não mudou, apenas as suas manifestações seguiram, como é natural, os sinais dos tempos.

Não estaria a Afectividade já presente nas demais dimensões? Claro que sim, a Afectividade existe e manifesta-se na dimensão social, na espiritual, na intelectual, na física, em todas. Mas, tal raciocínio é igualmente válido para qualquer das dimensões, todas se manifestam umas nas outras, ou não fosse o Homem uma realidade una e indivisa, por isso mesmo *indivíduo*.

A conceptualização da Afectividade enquanto área de desenvolvimento pessoal não correspondeu assim a uma alteração do Jovem e muito menos à introdução de algo de novo no Escutismo. A Afectividade é algo sempre presente no ser humano e desde sempre presente no Escutismo. Ler o *Escutismo para Rapazes* ou o *A Caminho do Triunfo* é tropeçar à saciedade em referências, na linguagem própria da época, à dimensão afectiva, frequentemente associadas a questões de motivação, perseverança, resiliência, auto-confiança, auto-controlo, entre outras.

Assim, o surgimento da Afectividade enquanto área de desenvolvimento pessoal corresponde não a uma introdução ou acrescento, antes à autonomização e enfatização de uma dimensão do ser humano tão essencial e estruturante como as demais.

A oportunidade de tal autonomização e enfatização prende-se, uma vez mais, com as alterações ocorridas com a circunstância do Escutismo.

Por um lado tem-se verificado na sociedade uma maior expressão de manifestações de desintegração, ou mesmo desintegradoras, com origem e consequências muito centradas na dimensão afectiva: desestruturação familiar, suicídio e violência juvenil, patologias como a anorexia e a bulimia, depressões, e muitas mais. Por outro lado, o desenvolvimento científico, procurando, naturalmente, acompanhar as necessidades sociais, tem vindo a dar acrescido relevo à dimensão afectiva

ou emocional do ser humano, em ramos que vão da medicina e das neurociências à psicologia e à gestão. Perspectivas como a inter-relação e a interdependência da racionalidade e da emotividade, ou conceitos como a inteligência emocional, são hoje absolutamente centrais e incontornáveis no âmbito das ciências comportamentais.

Acolhendo o Escutismo, cada vez mais, crianças e jovens umas vezes afectados por distúrbios emocionais e comportamentais, outras vezes sem um suficiente e efectivo suporte – que em primeira linha é familiar – afectivo, a formulação teórica do Escutismo – que, internamente, é exclusivamente uma ferramenta de formação de adultos – não poderia, nestes tempos, enveredar por caminho que não o de enfatizar esta dimensão do ser humano e realçar a importância da mesma ser atentamente acautelada.

Nada se alterou, altera ou se defende que se venha a alterar, no Escutismo, na forma de fazer Escutismo com as crianças e os jovens. Apenas, uma vez mais, se quer chamar a atenção para uma questão essencial do ser humano a que o Escutismo, visando contribuir para a educação integral do Jovem, não se pode alhear. Chamada de atenção que igualmente nos apela a recordar a unicidade de cada criança e jovem e a reforçar a identidade personalista da pedagogia escutista.

Contudo, se a desmultiplicação das áreas de desenvolvimento pessoal tem sido o aspecto mais notado e comentado de toda esta evolução da formulação teórica sobre o – e não do – Escutismo, ela não corresponde senão a uma aspecto parcelar dessa mesma evolução, quiçá não o mais importante.

A grande novidade, com a mais recente formulação, não reside aí.

Auxiliar do Chefe Escuta	Baden-Powell Hoje	*RAP*
Áreas da Formação Escutista	Fins Educativos	Áreas de Desenvolvimento Pessoal
Carácter	Carácter	**Desenvolvimento do Carácter**
Saúde e Vigor	Saúde e Desenvolvimento Físico	Desenvolvimento Físico
Habilidade Manual	Actividade Manual ou Habilidade Manual	Desenvolvimento Intelectual
Serviço ao Próximo	Serviço aos Outros	Desenvolvimento Social
	Felicidade	Desenvolvimento Espiritual
		Desenvolvimento Afectivo

Novidade é, por um lado, a visão do Carácter como elemento de síntese da identidade e da vontade do Jovem, elemento que congrega as demais dimensões e resulta da respectiva interacção, reforçando a perspectiva holística com que o Escutismo olha o Homem.

Novidade é, por outro lado, e sobretudo, a mudança de enfoque que ora surge: enquanto que quer no *Auxiliar do Chefe Escuta* [Áreas da Formação Escutista] quer no *Baden-Powell Hoje* [Finalidades Educativas] o enfoque é sempre do ponto de vista do adulto, do dirigente, do método; no *RAP*, pela primeira vez o enfoque centra-se no Jovem.

Resumindo, não foi o método escutista que mudou, não foi o Escutismo que se pratica nas Unidades que mudou. O que mudou foi apenas a forma como as necessidades de desenvolvimento pessoal do Jovem são, numa visão estruturada e sistematizada do método escutista, esquematicamente apresentadas, designadamente aos formandos dos cursos de formação. E fê-lo no sentido de realçar aspectos que hoje, mais do que outrora, têm de ser acautelados.

As grandes novidades que o *RAP* veio trazer neste âmbito são, portanto, o reforço do cariz holístico e o recentramento no Jovem. Caminhos sempre essenciais para qualquer evolução que pretenda preservar e aprofundar a fidelidade à essência e à identidade do Escutismo.

A passagem das originalmente definidas quatro áreas da formação escutista para cinco, fins educativos, em meados da década de 70, e, mais recentemente, destes para seis áreas de desenvolvimento pessoal, não configura qualquer desvirtuamento do Escutismo, representa – isso sim! – que o Escutismo acautela e procura preservar a sua identidade e essência educativa, que o Escutismo está Alerta.

BIBLIOGRAFIA

BADEN-POWELL, Robert (1944) Auxiliar do Chefe Escuta, (tradução portuguesa: 1999, Corpo Nacional de Escutas.

ÉQUIPE NATIONALE DES SCOUTS DE FRANCE (1975) Baden-Powell Hoje (tradução portuguesa) Corpo Nacional de Escutas, Lisboa.

POLICARPO, D. José (2003) Catequese num Mundo em Mudança, *in* Forum da Catequese, Secretariado Nacional da Educação Cristã.

SICCA, Mario di (1981) O Rasto do Fundador (tradução portuguesa), Corpo Nacional de Escutas, Lisboa.

WORLD SCOUT BUREAU (2000) 1. Understanding the Mission Statement – A Strategy for Scouting... from Durban to Thessaloniki, World Scout Bureau, Geneva.

WOSM–INTERAMERICAN REGION (1995) Educational Objectives of the Scout Movement, Interamerican Scout Office, Santiago, Chile.

WOSM (2005) Renewed Approach to Programme / Tool Box – Programme Handouts, World Scout Bureau, Geneva.

pedras

Não se colocam pedras sobre os assuntos,
Nem se tratam os assuntos à pedrada;
Apenas se possibilita que cada assunto possa ser uma pedra,
Que se guarda e junta para a construção do castelo.

COLECÇÃO
Pedras

SÉRIE
Pedagogia | 1

TÍTULO
QUE DESENVOLVER?
Uma Perspectiva sobre as Áreas de Desenvolvimento Pessoal

AUTOR
Pedro Duarte Silva

Publicado originalmente na Flor de Lis de Março de 2008 (n.º 1176) e Abril/Maio de 2008 (n.º 1177/1178)

EDIÇÃO
Corpo Nacional de Escutas

PAGINAÇÃO E DESIGN GRÁFICO
LIVE Comunicação Global
Luís Santos

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Rua D. Luís I, 34 | 1200-152 Lisboa
Tlf.: 218 427 020
www.cne-escutismo.pt

Escuteiros
Católicos